

Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna: notas antropológicas

LGBT Sport and Post-Modern Condition: anthropological notes

Wagner Xavier Camargo¹
Carmen Silvia de Moraes Rial²

RESUMO

Tomando como referência as características de uma dada condição pós-moderna e partindo-se de considerações de uma antropologia multisituada, este artigo tem como meta pensar sobre competições e práticas esportivas de atletas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT). Para tanto, parte-se de uma cena como mote introdutório à discussão e entretence considerações que tem por finalidade questionar a matriz de inteligibilidade heteronormativa do esporte convencional. Para além de reforçar ou afastar alternativas binárias recorrentes no ambiente esportivo, coloca-se como fundamental refletir sobre as práticas de esporte correntes no segmento LGBT e, assim, analisar essas manifestações e o que as caracterizam como esporte. Por fim, tece considerações finais sobre tais cenários competitivos como manifestações do pós-moderno, além ponderar sobre as performances dos corpos naquele espaço.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Esportes LGBT. Condição Pós-moderna. Antropologia Multisituada.

ABSTRACT

Compared with some of the characteristics of post-modern condition and starting from considerations of a multi-sited anthropology, this article aims to reflect on competitions and games for lesbian, gay, bisexual and transgender athletes (LGBT). For this purpose, an introductory scene is chosen as a theme for discussion and interweaves considerations which aim to challenge the heteronormative matrix of intelligibility of the conventional sports. Beyond the boundaries of improving or rejecting applicants binary alternatives in the sports arena, is essential to consider the current practice of sport LGBT segment and, finally some comments will be done on competitive scenarios such as manifestations of the postmodern, reflecting on the performance of bodies in that space.

Key-words: Gender Studies. LGBT Sports. Post-Modern Condition. Multi-sited Anthropology.

¹ Doutorando da Pós-Graduação em Ciências Humanas (DICH), na área de Estudos de Gênero. Sub-área de especialidade: Antropologia Social e Antropologia do Esporte. camargow@ymail.com

² Prof. Dra. dos Deptos de Antropologia e Interdisciplinar do CFH/UFSC; Pesquisadora do CNPq; Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Audiovisuais e Estudos da Imagem (NAVI) e GAUM (Grupo de Antropologia Urbana e Marítima). carmensilviarial@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como fenômeno sociocultural contemporâneo e multifacetado, o esporte engendra uma vasta gama de possibilidades analíticas — apesar de pouco exploradas pelas Ciências Humanas em geral —, que configuram os campos de estudos sociológicos e antropológicos, tanto no Brasil, quanto no mundo.

Antes de atentar para tais possibilidades analíticas, há que se perceber que não só o mundo não é o mesmo de quando Pierry de Fredy — o aristocrata francês conhecido como Barão de Coubertin (RAMOS, 1982) — reeditou o esporte em sua versão moderna em 1896, como o próprio “esporte moderno” também se expandiu, se diversificou e sofreu metamorfoses intrínsecas³.

O presente artigo interessa-se por uma manifestação esportiva específica: os jogos e competições voltados para atletas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). Aqui será tratado como “esporte *queer*”⁴. O argumento central a ser desenvolvido é o de que tais competições só podem ser tratadas como produtos de uma dada condição pós-moderna, entendida no sentido lyotardiano como um estado indefinido de transformações culturais e políticas que afetaram a vida e a arte e trouxeram a instabilidade de certezas instituídas e de explicações condensadas e incrustadas em boxes explicativos (LYOTARD, 1986).

Então, o mote introdutório para o desenvolvimento da análise é uma cena retirada da 7ª edição das Olimpíadas Gays (*Gay Games*), que tiveram lugar na cidade de Chicago (EUA), em 2006⁵. O recorte é circunscrito à prova de 400 metros rasos com barreiras, na modalidade atletismo. A seguir passa-se à descrição da mesma e à proposta a ser engendrada.

³ Quando se fala em “expansão” pode-se pensar em aumento de modalidades e subdivisões das mesmas em inúmeros torneios e campeonatos; por “diversificação”, entende-se o aparecimento do EPT (Esporte para Todos), do esporte paraolímpico, dos festivais de ginástica geral; e, por “metamorfoses intrínsecas”, alterações de regras e regulamentos para fins de transmissão televisiva. Tais dimensões, no entanto, extrapolam as fronteiras deste manuscrito.

⁴ O *queer* é uma designação subversiva: ao mesmo tempo que engloba todas as categorizações relativas à população LGBT, não nomeia nenhuma delas. Por sua vez, “esporte *queer*” é a manifestação esportiva praticada por indivíduos do segmento anteriormente mencionado e, apesar de paradoxal em relação ao que se chamou *queer*, de forma organizada e sistemática.

⁵ O evento foi realizado entre 15 e 22 de julho do ano de 2006 e contou com aproximadamente 12.000 atletas participantes, oriundos de 70 países, distribuídos em 40 modalidades. Além deste montante, havia também entre 1.500 e 2.000 voluntários, que eram da região metropolitana de Chicago, e que deram suporte aos jogos. Esses são dados coletados e resumidos dos seguintes jornais: “*Windy City Times*”, *Chicago Free Press*, *Red Eye* (publicação do Chicago Tribune). Com exceção da edição de fim de semana do “Red Eye”, os outros dois são jornais da Comunidade de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis (GLBTT) de Chicago.

No momento do anúncio no alto-falante da prova citada, houve uma correria generalizada. Quando os corredores já se encontravam na pista de atletismo, eis que surgiu um competidor alto, de ascendência indígena, longilíneo, alourado artificialmente. A figura ‘andrógena’, por assim dizer, imediatamente confunde os presentes e provoca risos contidos. Era um(a) atleta mexicano(a), (tra)vestido(a) de vermelho-sangue, em uma espécie de pele de tubarão de nylon, que cobria o corpo todo. Havia uma alternância estilística proposital: braço coberto, braço à mostra. Pernas no mesmo esquema. A sapatilha dourada combinava com o cabelo. Após o disparo do revólver de festim, quatro barreiras, quatro gritos estridentes. O(a) mexicano(a) garantiu a medalha.

Apesar de se tratar de “jogos gays”, mesmo entre os participantes há estranheza quando alguém se apresenta para competir, de modo diferente do coletivo. Ora, como atletas eles esperam encontrar competidores rivais que se vistam do modo como atletas se vestem! Essa é uma provocação e o propósito é melhor tentar entender a cena emblemática ao longo deste artigo.

Assim, qual é o contexto de referências atuais em que se faz possível refletir sobre essa problemática colocada? Seria pensável uma matriz de inteligibilidade das manifestações esportivas LGBT a partir de elementos da condição pós-moderna? E como o antropólogo se posicionaria perante um cenário investigativo referente a um “campo etnográfico” itinerante como o dos jogos gays? A antropologia *multi-sited*, como escopo teórico-metodológico, pode acolher os desafios de se pensar um campo multisituado e sujeitos “diferentes”? Por fim, de que práticas esportivizadas tratam-se exatamente?

2. CONTEXTO DE REFERÊNCIAS: CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E GAYS NO ESPORTE

Muito já se discutiu sobre o pós-moderno, principalmente nos últimos tempos, nas Ciências Humanas. A discussão não é nova, obviamente. A própria Filosofia se encarrega de “desconstruções” dos temas clássicos desde os anos 70 do século passado e com o refletir sobre as fronteiras da modernidade. O que se coloca como fundamental é compreender as configurações que deram origem a uma série

inesgotável de debates e que atingiram a Ciência e o modo de pensar, particularmente da cultura ocidental.

A condição pós-moderna é o contexto de referência para o tratamento de questões analíticas atuais. Com o questionamento anunciado acerca de conceitos marxistas (como o de classe social, por exemplo), foi-se também a 'era dos metarrelatos' e das 'metanarrativas' de que tematiza Jean-François-Lyotard (1986). O marxismo, o comunismo e a maioria dos "ismos" acabaram por ser soterrados pelas incertezas e obscuridades do pós-moderno. Esse autor francês define pós-moderno como "[...] o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos das ciências, da literatura e das artes a partir do final do século XIX." (LYOTARD, 1986, p.XV), mas deixa claro que o que é considerado pós-moderna é a incredulidade então vigente em relação aos metarrelatos e explicações totalizantes da vida cotidiana e da história.

Através do fim incontestado dos grandes personagens, grandes heróis, grandes objetivos (as metanarrativas), Lyotard se pergunta onde será encontrada a legitimidade? O autor trata de um desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação atrelado a uma crise da filosofia metafísica e da universidade. Desde então, nunca o prefixo "des" foi tão utilizado.

Assim, da erosão do triplo dogma modernismo/modernidade/vanguardismo emerge a problemática da "alteridade", que assume as variadas e múltiplas formas de subjetividade, gênero, sexualidade e raça.

Tendo como pano de fundo as questões relativas à alteridade, os movimentos gays e lésbicos, signatários dos movimentos feministas, engrossaram suas vozes em coro, nos últimos vinte, trinta anos do século XX. Isso foi o que possibilitou a emergência de variadas manifestações políticas, das quais jogos e campeonatos esportivos direcionados à população LGBT é apenas uma delas.

Dessa forma, estudar competições *queer* hoje só é possível não apenas pela "fenda" aberta nas metanarrativas totalizantes (a exemplo das que postulam o que representaria ser "macho" e esportivo em dada modalidade), mas também porque o sujeito LGBT tornou-se ator político e surge uma categoria analítica — o *queer* — uma designação inspiradora, impositora, insubmissa, desafiadora e subversiva.

O/a mexicano(a) somente pôde se apresentar da maneira como o fez pois, naquele momento histórico, reuniam-se algumas condições que lhe possibilitaram:

a) estar num dado “espaço” materializado de mínima convivência e aceitação da diversidade, sem que fosse censurado ou impedido pela organização dos jogos de se expressar à sua maneira; b) desmistificar a figura “masculina-macho” do atleta (corredor, no caso); c) invocar silenciosamente, porém visivelmente, a alteridade; e d) trazer à baila uma nova e distinta forma de subjetividade esportiva (a *queer*).

No debate instituído pelo alemão Andréas Huyssen (1992), há um importante postulado acerca da condição pós-moderna: há que se verificar se são criadas novas formas estéticas de representação (na/da realidade) ou se haveria uma reciclagem (de técnicas) em andamento, reinscritas num contexto (cultural) modificado.

Apesar de competir em uma prova de 400 metros com barreiras — categoria masculina e, nesse sentido, divisão idêntica a existente no atletismo convencional (portanto heteronormativo) — o/a atleta mexicano(a) propôs uma nova estética de representação do(a) atleta-corredor(a) e do *eu-sujeito*. Uma estética que abre possibilidades do vestir-se de maneira diferenciada para um evento (o modelito vermelho-sangue talvez seja até mais estilístico do que apenas um simples shorts e uma camiseta, que costumeiramente os corredores usam) e mesmo de sentir-se e portar-se de forma mais “confortável” com sua subjetividade *gay*. Os gritos estridentes ante cada barreira poderiam significar os mesmos “urros” de um jogador de hóquei frente a uma jogada agressiva ou mesmo o som emitido no movimento final de um levantador de pesos.

A única questão residual nesta estética de representação do corredor *queer* de atletismo — e, em geral, do/a atleta convencional — é que para o modelo (hetero)normativo da (hetero)sexualidade compulsória, em termos de Monique Wittig (2001) e Adrienne Rich (1999), tal estética é desviante, inconcebível e, até certo ponto, inaceitável, particularmente frente ao elenco das características demarcatórias de gênero que revestem o esporte em geral, e o atletismo em particular.

Em termos pós-modernos o/a atleta mexicano(a) evocaria o que se poderia chamar de “fragilidade do referente”, uma vez que põe em suspenso aquilo que, teoricamente, era esperado e dito do *sujeito-homem-atleta*, num evento da categoria masculina, prova de corridas.

A *desnaturalização* ou *desreferencialização* — em termos específicos de Hans Ulrich Gumbrecht (1998) — que se originam a partir da fragilidade do referente e da morte do sujeito é um dos conceitos característicos da situação pós-moderna⁶. Não se pode mais falar em nome de um sujeito transcendental.

Na verdade, o pós-moderno é um enquadramento sugestivo para explicar o que ocorreu com a cultura contestatória dos anos 60, embora a discussão que se encarregaria de tal problemática deveria envolver, para o teórico americano Frederic Jameson (1992), temas polêmicos como: a) o pós-estruturalismo; b) a morte do sujeito; c) a natureza e a função de uma cultura do simulacro e d) a relação da cultura do simulacro com os meios de comunicação de massa, devido ao novo *status* da imagem e à emergência de uma estética da textualidade. No entanto, Jameson reconhece que nem sempre tais temas são bem analisados. Essa corrosão generalizada dos dispositivos universalizantes, para Lyotard (1986), seria a “deslegitimação”.

Entretanto, voltando a Gumbrecht (1998), em seu ensaio sobre o “Campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação”, o autor destacará a *destotalização* e a *destemporalização* como dois conceitos que, acoplados ao de *desreferencialização* já mencionado, caracterizariam a situação pós-moderna.

As explicações totalizantes e as metanarrativas da modernidade teriam se esgotado ou, pelo menos, seus potenciais explicativos estariam corroídos e fragilizados. Não cabe mais acatar as gloriosas conquistas da história dos esportes (e mesmo os feitos dos “grandes” esportistas) e tomá-los como narrativas ilustradoras e exemplares dos processos esportivos atuais. A própria existência dos *Gay Games* é um exemplo tácito disso.

A *destemporalização* corresponderia à corrosão das certezas instituídas por uma ‘temporalidade moderna’, linear, onde o futuro era tomado como aberto e povoado de opções. Na situação pós-moderna o futuro “está bloqueado”; teme-se a esse futuro. Por isso há um ‘paradoxo no ar’: o alargamento do presente vazio coexiste com a impressão de vivermos na urgência do momento. Portanto, tende-se a justificar o presente e alargá-lo ao máximo. É interessante observar os discursos constituintes na atualidade, fundamentalmente no que diz respeito ao “viver o hoje”,

⁶ Jair Ferreira dos Santos (1986) prefere o termo “dessubstancialização” ou perda da ‘substância’ desse sujeito. Esse seria um dos princípios fundantes do pós-estruturalismo.

ao *having fun*, ao *seize the day*. Essa tendência é igual e potencialmente avassaladora nos jovens, tanto no mundo hetero, quanto no mundo homossexual.

Com a explicitação desses três conceitos, Gumbrecht sugere “o sentimento de um mundo sempre menos estruturado e sempre mais viscoso e flutuante” (1998, p.138). E o próprio ato interpretativo — que, segundo o autor, é fundador de uma hermenêutica que parte da superfície e dirige-se à profundidade (alma) do sujeito a ser interpretado — está em crise. O que aparece na esteira das considerações atuais é o desvelar de uma crise profunda na centralidade da interpretação e, o que é deveras interessante, é que “não mais procuramos identificar o sentido, para logo resgatá-lo; porém, indagamos das condições de possibilidade de emergência das estruturas de sentido” (GUMBRECHT, 1998, p.147). Isso é o que faria com que se caracterizasse uma “condição” (e não uma mera situação) pós-moderna.

Em termos de “método analítico” do pós-moderno, apareceria o conceito filosófico de jogos de linguagem (do alemão, *Sprachspiele*), de Ludwig Wittgenstein (1989). Em palavras do filósofo, ‘jogos de linguagem’, referem-se ao “conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (p.12). E na práxis do uso da linguagem,

[...] um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas; na lição de linguagem, porém, encontrar-se-á ‘este’ processo: o que aprende ‘denomina’ os objetos. Isto é, fala a palavra (...). Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna (...). Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda [...] (WITTGENSTEIN, 1989, p.12).

Tal conceito é oportunamente ‘emprestado’ por Judith Butler (2003) para compor sua “teoria da performatividade de gênero”. Importante intelectual fundadora da teoria *queer*, Butler (2003, p.194) vai ressaltar que as *performatividades* “são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” [grifo no original].

Aquilo que o/a atleta mexicano(a) apresenta durante o evento do qual participa, sua estilística corporal, seus gritos de ataque ao passar pelas barreiras e mesmo seus depoimentos/entrevistas pós-prova, além dos agradecimentos aos/às amigos(as) competidores(as), fazem parte de uma *fabricação performática*.

É importante destacar que, de acordo com Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2006, p.05), tais performatividades se baseiam na “reiteração de normas que são

anteriores ao agente, e que sendo permanentemente reiteradas materializam aquilo que nomeiam”. Por isso tal conceito é desvinculado da idéia voluntarista de representar um papel de gênero, como se fosse um “ato teatralizado”.

Os atos do/a mexicano(a) são executados na superfície externa de um corpo, bem como na interioridade daquilo que desestabiliza. A performatividade do ato contém a *performance* do ser. Tais conceitos estão interrelacionados, mas são distintos.

Um exemplo sugestivo e esclarecedor é o do/a *Drag Queen*, que, como Butler (2003) destaca

A performance do/a drag [queen] brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significante: sexo anatômico, identidade de gênero e *performance* de gênero. (BUTLER, 2003, p. 196)

No caso do/a mexicano(a) talvez tal exemplo seja adequado para se problematizar as dimensões do sexo anatômico (macho), da identidade social de gênero (feminina) e da *performance* de gênero (“*drag* esportiva”). Porém, como pensar sobre outras performances de gênero que não estão/são manifestas visível ou discursivamente?

Nesse sentido, há que se voltar novamente a Lyotard (1986) e à teorização dos “jogos de linguagem”. Ele explica que “[...] cada uma destas diversas categorias de enunciados deve poder ser determinada por regras que especifiquem suas propriedades e o uso que se delas se pode fazer” (1986, p.16-17). Pelas suas sistematizações, o autor destaca três observações acerca dos ‘jogos de linguagem’:

- 1) suas regras não possuem legitimação nelas mesmas, mas constituem objeto de um contrato explícito (ou não) entre os jogadores;
- 2) na ausência de regras, não existe jogo: qualquer modificação na regra, muda o jogo; e qualquer lance que não satisfaça as regras, não pertence ao jogo por elas definido;
- 3) todo enunciado deve ser considerado como um ‘lance’ feito.

E ainda há um princípio que alicerça o método: “[...] é que falar é combater, no sentido de jogar, e que os atos de linguagem provêm de uma agonística geral”

(LYOTARD, 1986, p.17). No entanto, a agonística da linguagem não deve mascarar o vínculo social, que a complementa e é produzido por sucessivos “lances de linguagem”.

Agora retorno novamente à cena inicial narrada na introdução. Como se definiria o/a atleta mexicano(a) perante os outros competidores? E qual seria seu posicionamento antes e após a corrida, ou seja, do momento da explicitação pública das gargalhadas ao da medalha, dois instantes que estão separados temporal e significativamente, mas interligam-se simbolicamente? E em seus embates linguísticos provindos da relação com os/as demais atletas? Haveria alterações estilísticas nos tons dos discursos mediante situações sociais distintas: no aquecimento para correr e nas congratulações pós-corrida?

Na análise dos discursos no ambiente esportivo é interessante observar como os ‘jogos de linguagem’ trazem instabilidades discursivas relacionadas às ‘identidades’ fragmentadas e aos lugares ocupados na ordem social (esportiva). Tais discursos relacionam-se, inevitável e invariavelmente, às categorias de gênero, sexo biológico, raça e status sócio-econômico.

Tal explanação aqui edificada esboça parte da formatação do problema de investigação de uma pesquisa de doutorado em andamento⁷. Foi através das reivindicações dos movimentos contestatórios, das transformações na estrutura social das sociedades ocidentais e da ascensão de problemas políticos até então não aparentes que, dentro de um contexto de manifestações do pós-moderno, os jogos e campeonatos *gays* podem se transformar em problema antropológico de investigação.

A seguir, e num movimento de redimensionamento da problemática aqui tratada, reflete-se como os competições e jogos *queer* se conformam num cenário investigativo e na formação de um campo etnográfico para a pesquisa antropológica e como a antropologia se posiciona a esse respeito.

⁷ Intitulada “Masculinidades *queer* em disputa: as práticas corporais esportificadas em competições *gays* internacionais”, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

3. COMPETIÇÕES LGBT E ANTROPOLOGIA: DESAFIOS

Produtos da contemporaneidade e impensáveis (ou mesmo inimagináveis) em contextos históricos do passado, os jogos esportivos existentes para a comunidade LGBT, em nível mundial, configuram-se como possibilidade e ocorrem com dada sistematicidade⁸.

Como carro-chefe de todos os eventos estão as “Olimpíadas Gays” (*Gay Games*), as quais têm sua fundação em 1982 e, a partir dessa data, organizam-se em itinerantes encontros, a cada quatro anos⁹. Tais jogos são de responsabilidade da Federação dos Jogos Gays (*Federation of Gay Games – FGG*) que, atualmente, é a principal e maior confederação do gênero no mundo, e sempre busca patrocínios e parcerias para a realização de eventos esportivos.

Ainda há a organização dos *World OutGames*, que nasceram de uma briga interna no movimento esportivo LGBT internacional, principalmente relacionado a questões de gerência e execução de eventos por parte da FGG. Estes campeonatos originaram-se para rivalizar com os *Gay Games* e a primeira versão aconteceu em 2006, em Montreal (Canadá), sob a direção e supervisão da Associação Esportiva Internacional de Gays e Lésbicas (*Gay and Lesbian International Sports Association – GLISA*)¹⁰. Aproximadamente 11 mil atletas estiveram presentes e o ineditismo do evento ficou por conta da realização concomitante da Conferência dos Direitos Humanos (*Human Rights Conference*).

Após os jogos de Chicago e de Montreal, ambos em 2006, houve uma tentativa de aproximação entre a FGG e a GLISA, no sentido de pensarem um

⁸ A periodicidade ainda é incerta, mas grupos europeus, americanos e canadenses estão reunindo, numa iniciativa inédita, esforços no sentido de estabelecerem um calendário permanente de eventos. O primeiro encontro foi num workshop durante a realização da “Human Rights Conference”, em Copenhague, julho/2009.

⁹ No caso dos *Gay Games*, o processo é similar ao das olimpíadas convencionais, ou seja, cidades aleatória e voluntariamente se candidatam e passam por um processo de seleção. Sobre cidades-sedes passadas e futuras, disponível em: <http://www.gaygames.com/en/>

¹⁰ É uma organização mundial que representa outras federações e associações dos cinco continentes, sendo responsável pela promoção de eventos que divulguem a cultura, os direitos humanos e o esporte de pessoas LGBT. Mais informações e detalhes disponíveis em: <http://www.glisa.org/about.php>.

calendário racional e, possivelmente, integrado para eventos futuros¹¹.

Duas outras iniciativas ainda acontecem em escala regional: os *EuroGames*, evento que se realiza anualmente em diferentes cidades europeias e que promove a circulação da população LGBT em território europeu, e os Jogos ‘*Outgames*’ da Região da Ásia-Pacífico (*Asia Pacific Outgames*), ainda bastante incipientes e com irregularidade incerta¹².

Os movimentos e associações LGBT surgem num momento de consolidação das reivindicações postadas pelos grupos feministas, gays e lésbicos dos anos 60 e 70. As reivindicações possibilitaram uma complexificação de respostas binaristas em voga até então. O novo “espaço” aberto em que o “pessoal é político”, no bojo da institucionalização dos próprios movimentos sociais e no deflorar da globalização, viabilizou a criação e a existência de jogos e competições esportivas LGBT, em escala planetária.

Difícilmente com a mesma expressão que outras bandeiras — como a dos Direitos Humanos ou mesmo a da Luta contra a AIDS — mas seguramente tais jogos acabam sendo manifestações políticas do segmento LGBT. E, além disso, poderiam ser denominados, numa definição conceitual cunhada por Gustavo Lins Ribeiro (2000), de “mega rituais globais”. Os únicos aspectos dessa designação que não se encaixariam no caso dos esportes *queer* seriam a falta de transmissão televisiva e apelo midiático, além dos escassos recursos financeiros, que estão bastante aquém de eventos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, ‘mega rituais globais’ por excelência.

As estruturas organizacionais observadas nos *Gay Games* de Chicago (2006) e nos *World OutGames* de Copenhage (2009) não fugiram do convencional daquilo que se caracteriza qualquer “mega ritual”, no atual sistema capitalista global: inscrições prévias e on-line, taxas de participação, crachás diferenciados de identificação, voluntários em bandos, zonas delimitadas de aquecimento e competição, tabelas e programações de jogos e eventos, congressos técnicos das

¹¹ Vários foram os motivos da tentativa de reaproximação, mas um deles — e talvez o principal — tenha sido por conta do fracasso da segunda versão dos *World Outgames*, em Copenhage, Dinamarca. Com orçamento incompleto e ameaçado de ser cancelado, o evento só foi garantido pela entrada de um milhão de Coroas Dinamarquesas, fornecidos pela prefeitura da cidade às vésperas do evento, o que acabou custeando a realização.

¹² Outros grupos de atletas (como, por exemplo, os corredores do *Front Runners*) organizam-se em clubes esportivos específicos e, muitas vezes, realizam competições e torneios por iniciativa própria, independente de suporte de associações e federações, ou mesmo de um calendário regular.

modalidades, atletas do mundo todo e uma série de outros elementos, peculiares do universo esportivo¹³.

Para além desta questão estrutural e como supostas “novas formas” de representação da realidade, resta entender essa proposta de evento, planejada e executada pela comunidade LGBT: como se pode interpretar as participações dos sujeitos *queer* nessas competições? E mais: de que modo compreender o paradoxo produzido por situações como a descrita no início deste manuscrito, em jogos que, supostamente, seriam esperadas situações não convencionais e não normatizadas?

Como há que se buscar, segundo Gumbrecht (1998, p.147), as “condições de possibilidade de emergência das estruturas de sentido” para que a condição pós-moderna se materialize, emerge um “campo não-hermenêutico” no tratamento das questões, o qual se caracteriza “pela convergência no que diz respeito à problematização do ato interpretativo” (idem, p.144).

Quem pode se encarregar de tal problematização é a própria antropologia pós-moderna ou também denominada “*multi-sited*” (multisituada). Os representantes desse flanco antropológico se reúnem em três correntes teóricas, que apresentam características semelhantes e dissonantes, com respeito, especificamente, ao fazer etnográfico, aos dados de campo e à própria produção científica¹⁴.

Um primeiro problema que aparece para essa interpretação antropológica é a exata conformação do campo etnográfico. Já não se pode mais abarcar os imponderáveis malinowskianos da vida social, de uma realidade observada. Não há mais “totalidade” a ser analisada. O primeiro posicionamento a ser definido é o da abrangência do campo; ele é realizado a partir de prismas multisituados e a pesquisa acontece simultaneamente no/do sistema mundial, segundo George Marcus (1995). Entender o sujeito *queer* e suas práticas corporais e esportivas em uma (ou várias) competições mundial(is) como as olimpíadas gays (e demais rituais globais) requer um multideslocamento do olhar, atentando-se para o que revela os corpos em ação, as mensagens sobre mensagens dos discursos, em suma, a interpretação sobre a interpretação dos “nativos”. Ao mesmo tempo, é um estar e

¹³ Em conversas com uma das organizadoras do *World OutGames*, foi possível ter acesso à informação de que os diretores do projeto e os principais coordenadores eram remunerados para desempenharem suas funções. Tal aspecto demonstra certa profissionalização na estrutura organizativa, própria dos grandes eventos esportivos.

¹⁴ Para detalhes, consultar Reynoso (1991).

não-estar em campo, pois ele é itinerante e se finda em poucos dias; os atletas (nativos), por sua vez, permanecem atletas, mudam roupas e acessórios, lugares, e continuam “queerizando” espaços por onde passam¹⁵.

Voltando a Marcus (1995), a antropologia *multi-sited* é produto do mundo contemporâneo, de suas velocidades e de seus deslocamentos, isto é, da própria lógica da global/local que se instalou como paradoxo. Trata-se, portanto, de uma interrelação com o sistema mundial e os etnógrafos devem estar preparados, pois mudam-se as formas do contato com o sujeito/objeto e alteram-se as considerações dessa relação pesquisador-pesquisado. Os antropólogos devem estar

[...] interested in contemporary local changes in culture and society, single-sited research can no longer be easily located in a world system perspective. This perspective has become fragmented, indeed, 'local' at its very core. With the collapse, then, of the easy distinction between system and lifeworld as the mode for situating and designing ethnographic research on the contemporary world, the only alternatives have been to use various successor works of scholarship on global changes in political economy as the framing for single-site studies [...]. (MARCUS, 1995, p.98)

O conhecimento etnográfico, assim, desloca-se de uma perspectiva monosituada, baseada nas macroconstruções de uma dada ordem social no sistema capitalista, para os múltiplos espaços de observação e participação, que dialogam com enfoques locais/globais e jogam, no que se poderia chamar de “caldeirão dos paradoxos”, os modos de vida do sujeito e àqueles prescritos pelo “sistema” global. De uma etnografia feita *no* sistema global, hoje se pode edificar uma etnografia *no/do* sistema global, sem perder de vistas que a paradoxalidade entre a parte e o todo faz parte da análise. Isso traz em consideração uma nova forma de escrita e redimensiona a própria autoridade etnográfica do pesquisador.

Para essa nova visão do fazer antropológico a ‘textualização’ é entendida como um pré-requisito para a problematização da interpretação (CLIFFORD, 1998), algo que já houvera sido frisado por Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas* (1978) e reforçado por Marcus e Cushman (1982). O interessante de ser salientado, de acordo com James Clifford (1998, p.40), é que “a textualização gera um sentido através de um movimento circular que isola e depois contextualiza um fato ou evento em sua realidade englobante”.

¹⁵ Na literatura específica, a ação de queerizar vem do verbo em inglês “queerizing”, que significa subverter o que é dado em função de algo novo, dissonante, revolucionário.

Os atos executados pelo/a atleta mexicano(a) e o contexto da situação descrita podem ser tomados em análise nas seguintes perspectivas interpretativas: 1) a própria vestimenta dissonante e todos os apetrechos corporais trariam o que Sherry Ortner (2006) denomina “agência” do sujeito, ou seja, um ato executado como prática de resistência a uma dada situação social em que uma outra postura/vestimenta seria esperada¹⁶ e 2) o contexto de execução do campeonato, livre de alterações em regras e regulamentos por parte dos atletas *queer*, poderia significar uma situação de submissão ao sistema esportivo heteronormativo (considerado padrão pela divisão das categorias em masculinas e femininas).

Embora o esporte moderno tenha se transformado “progressivamente numa prática institucionalizada, baseada em regras e talentos descritos com detalhes e que permitiam uma participação bem maior — e numa percepção cada vez mais clara da distinção entre essa prática a esfera cotidiana do trabalho” — segundo Hans Gumbrecht (2007, p.90), ainda é um âmbito que reúne uma prática e uma estética tendenciosamente masculinista. Os locais onde se praticam os esportes são lugares privilegiados de constituição, definição e redefinição, e consolidação não só da dominação masculina (BOURDIEU, 2007), bem como desta “masculinidade hegemônica” (CONNELL, 1995) em pauta de discussão. As práticas esportivas em seus lugares privilegiados de desenvolvimento *para e por* sujeitos *queer* não fogem à regra.

Para além destas questões-desafios, a antropologia terá de se encarregar de um segmento social bem distinto daquele que povoa o “outro lado das margens”, e possuidor de características bem peculiares: o público participante de tais competições internacionais é composto, em sua grande maioria, de brancos, com alta escolaridade, solteiros e economicamente estáveis, particularmente indivíduos do sexo masculino e habitantes de países desenvolvidos, como EUA, Canadá, Austrália e países da Europa Ocidental (DAVIDSON, 2006). A população LGBT em geral (e os gays em específico) fazem parte da economia global que, em termos de Linda Johnston (2005) e Juan Marsiaj (2003), são provindos do *gay market* (mercado gay) ou partes integrantes do *pink money* (capital cor-de-rosa).

¹⁶ O que viria de encontro com grande parte das teorizações acerca desse assunto na literatura específica: Heidi Eng (2006), Nigel Jarvis (2006), Ian Wellard (2006) e July Davidson (2006).

O esporte moderno, que teve sua origem em fins do século XIX, quando práticas de lazer foram regulamentadas, passando a disciplinar corpos e a adestrá-los para uma especialização cada vez maior (FOUCAULT, 2004), apresenta-se passível de análise sob o prisma polissêmico da contemporaneidade. O “esporte *queer*”, subproduto do pós-moderno, deve ser refletido à luz de considerações político-filosóficas, antropológicas, econômicas e históricas a fim de que seja mapeado e interpretado.

4. NOTAS EXPLORATÓRIAS

As práticas esportivizadas dos sujeitos *queer* podem ser tomadas como produtos de uma condição pós-moderna, uma vez que evocam um estado indefinido de questões e problemáticas, os quais não encontram respostas no atual sistema esportivo padronizado pelas lógicas heteronormativas.

Se, por um lado, elas são um ‘novo’ espaço de convivência de multiplicidade e diversidade de corpos e sexualidades, numa proposta teórica e livre de “condenações moralistas” — desafiando, inclusive, os arquétipos masculinistas do universo esportivo — por outro, inevitavelmente, trazem à tona preconceitos sedimentados do campo da cultura e, mesmo as novas e distintas formas de subjetividade esportiva (as *subjetividades queer*, se assim se pode designar) submetem-se, irremediavelmente, aos contornos do sistema esportivo padrão.

Seria possível uma matriz própria de inteligibilidade das manifestações esportivas LGBT a partir de elementos constituintes do pós-moderno que se oferecessem como novos padrões a serem considerados?

Algo que se constata, certamente, é que pensar em esporte *queer* e levar em conta as históricas e grandiosas conquistas da trajetória dos exercícios físicos e dos esportes é um equívoco de proporções gigantescas. No entanto, se excluirmos as bases de consideração sob as quais tal fenômeno se edifica, torna-se impossível analisá-lo sem referenciais condicionantes.

O/a atleta mexicano(a) ofereceu um rico exemplo para que uma profícua análise identifique as contraditórias ações e os paradoxais discursos da população LGBT em ação esportivizada, mas há muito ainda por ser compreendido.

Por fim, há que se desvelar aquilo que os fãs e praticantes apaixonados por esporte nunca percebem de fato: os indivíduos, enquanto diferentes uns dos outros, resignificam o ambiente esportivo de modo distinto, relacionando-se com a homogeneidade e normatividade instituídas nesse cenário também de maneira diversa. Ou seja, as competições *queer* demonstram que pode haver resignificações em curso sob os holofotes das questões relativas aos sexos e aos gêneros (e a partir dos mesmos). Hipótese já confirmada, mas que necessita ser aprofundada. No entanto, e, por conseguinte, em outro momento, pois aqui transbordaria as problemáticas consideradas deste ensaio.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CLIFFORD, J. Sobre a Autoridade Etnográfica (pp. 17-62). In: _____. **A Experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1998.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**: knowledge, power and social change. Los Angeles: University of California Press, 1995.
- DAVIDSON, J. The necessity of queer shame for gay pride: the Gay Games and Cultural Events. In: CAUDWELL, J. (ed.) **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p.90-105
- ENG, H. Queer athletes and queering in sport. In: CAUDWELL, J. (ed.) **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p.49-61
- FEDERATION OF GAY GAMES (FGG). Home. Results. Disponível em: <<http://www.gaygames.com/en/>>. Acesso em 31 out. 2009
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 28ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- FREDERIC, J. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p.81-126
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GAY AND LESBIAN INTERNATIONAL SPORTS ASSOCIATION (GLISA). Disponível em: <<http://www.glisa.org/about.php>>. Acesso em 31 out. 2009
- GUMBRECHT, H. U. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: _____. **Corpo e Forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p.137-151
- GUMBRECHT, H. U. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HUYSSSEN, A. Mapeando o Pós-Moderno. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Pós-Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p.15-80
- JARVIS, N. Ten men out: gay sporting masculinities in softball. In: CAUDWELL, J. (ed.) **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p.62-75

JOHNSTON, L. **Queering Tourism. Paradoxical Performances at Gay Pride Parades**. London & New York: Routledge, 2005.

LYOARTD, J-F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARCUS, G. E.; CUSHMAN, D. Ethnographies as Texts. In: **Annual Review Anthropology**, v. 11, p. 25-69, 1982.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography. In: **Annual Review Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARSIAJ, J. P. P. Gays Ricos e Bichas Pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19, p.129-145, 2003.

MISKOLCI, R. e PELÚCIO, L. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre a performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. In: **30º Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambu: Mídia Eletrônica (CD), Ano 2006. p.01-16

ORTNER, S. Poder e Projetos. Reflexões sobre agência. In: GROSSI, M.; ECKERT, C.; FRY, P. **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p.45-80

RAMOS, J. J. Jogos Olímpicos Contemporâneos. In: _____. **Os Exercícios Físicos na História e na Arte: do homem primitivo aos nossos dias**. São Paulo: IBRASA, 1982. p.257-285

REYNOSO, C. Representación. In: _____. (Comp.). **El Surgimento de la Antropología Posmoderna**. México: Gedisa, 1991. p.18-35

RIBEIRO, G. L. A condição da transnacionalidade. In: _____. **Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: Ed. Universitária de Brasília, 2000. p.93-129

RICH, A. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, M. & STIMPSON, C. R. (eds.) **Sexualidad, género y roles sexuales**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. p.159-211

SANTOS, J. F. **O que é Pós-Moderno**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

WELLARD, I. Exploring the limits of queer and sport: gay men playing tennis. In: CAUDWELL, J. (ed.). **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p.76-89

WITTIG, M. On Ne Naît pas Femme. In: _____. **La Pensée Straight**. Paris: Editions Amsterdam. 2001. p.43-87

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

Jornais impressos

Red Eye. In: **Chicago Tribune**. Semanal 17 a 22 de julho/2006.

Windy City Times. In: **Chicago Free Press**. Semanal de 17 a 22 de julho/2006.

Ensaio: Recebido em: 01/01/2009 Aceito em: 09/11/2009
